

## **RACISMO NO FUTEBOL: REPERCUSSÕES JURÍDICAS DESPORTIVAS E PENAIS VULNERABILIDADE E DIREITO DO CONSUMIDOR**

**FABIANO AUGUSTO BENAION CUNHA:**

Estudante do curso de direito 10 período/  
Professor de Educação Física

RUBENS ALVES DA SILVA<sup>1</sup>

(orientador)

**RESUMO:** O futebol é confrontado com inúmeras manifestações racistas e xenófobas: etiquetas, saudações nazistas, ataques a espectadores ou torcedores de "cor", gritos de macacos contra jogadores negros, etc. Este fenômeno recorrente, generalizado em estádios do mundo inteiro chega regularmente às manchetes das mídias. Esses atos envolvendo espectadores não são novos nem mais numerosos do que no passado. As medidas legislativas tomadas na maioria dos países nos últimos anos para remediar esta situação, embora muitas vezes não sejam aplicadas, mostram que estas doenças já têm uma longa história desportiva. Neste sentido, este artigo teve por objetivo geral, analisar as medidas no campo penal e no campo desportivo que inferem combatem ao racismo no futebol brasileiro com base nas medidas internacionais além de especificamente caracterizar o racismo no futebol a partir da história desse esporte; descrever o processo de racismo ao longo dos tempos; e, comparar as medidas internacionais no campo penal e desportivo com as medidas do Brasil de combate ao racismo no futebol discutindo o arcabouço penal e jurídico com relação ao racismo no futebol. Acima de tudo, a denúncia oficial de declarações e manifestações racistas, amplamente divulgada, não permite distinguir o que caberia em uma ideologia compartilhada, como uma visão de mundo ou como uma construção política e/ou axiológica, do que poderia ser, possivelmente, apenas uma simples provocação inerente à lógica do jogo e aos excessos que ela suscita. O método de abordagem que foi utilizado neste artigo foi da pesquisa histórica que postula causas passadas específicas para fenômenos atualmente observáveis e fornecem bons exemplos. Concluir que é fundamental lançar luz sobre esses processos sob pena de mascarar a realidade mais séria das comprovadas raízes ideológicas de outras manifestações.

**Palavras-Chave:** Futebol. Racismo. Direito.

---

<sup>1</sup> Mestre em Direito do Trabalho Faculdade de Direito pela Faculdade de Direito do Sul de Minas em 2013 e professor do curso de Direito do CEULM/ULBRA, Manaus-AM

**ABSTRACT:** Football is confronted with numerous racist and xenophobic manifestations: labels, Nazi salutes, attacks on spectators or fans of "color", screams of monkeys against black players, etc. This recurring phenomenon, widespread in stadiums throughout the world, regularly makes headlines in the media. These acts involving spectators are neither new nor more numerous than in the past. The legislative measures taken in most countries in recent years to remedy this situation, although often not applied, show that these diseases already have a long sporting history. In this sense, this article had as its general objective, to analyze the measures in the penal field and in the sports field that infer combat racism in Brazilian football based on international measures in addition to specifically characterizing racism in football from the history of that sport; describe the process of racism over time; and, to compare international measures in the penal and sports field with Brazil's measures to combat racism in football by discussing the penal and legal framework in relation to racism in football. Above all, the official denunciation of racist statements and demonstrations, widely disseminated, does not allow to distinguish what would fit into a shared ideology, as a worldview or as a political and / or axiological construction, from what could possibly be just a simple provocation inherent in the logic of the game and the excesses it causes. The approach method that was used in this article was historical research that posits specific past causes for currently observable phenomena and provides good examples. To conclude that it is essential to shed light on these processes, under pain of masking the more serious reality of the proven ideological roots of other manifestations.

**Keywords:** Football. Racism. Right.

## 1 INTRODUÇÃO

Enfrentar as perturbações e demonstrações racistas e xenófobas que parecem ter se multiplicado no século XXI anos nos estádios de futebol, principalmente da Europa e da América do Sul, vários políticos reagiram condenando o inaceitável. Assim, foi no Brasil, onde o ministro do Esporte do Governo de Dilma Rousseff, Aldo Rabelo, pediu "a responsabilidade de todos" (CAVALCANTI E CAPRARO, 2009).

O mesmo aconteceu com outras autoridades do mundo como o ministro da Relações Exteriores da Espanha em viagem à Costa Rica em novembro de 2004 que disse que "qualquer comentário racista dirigido a qualquer jogador por causa da cor de sua pele deve ser denunciado sem restrições" (HELAL, 2011).

Richard Caborn, ministro britânico dos Esportes, anunciou no ano de 2004 que iria solicitar a intervenção da *Fédération Internationale de Football Association* – FIFA e *European Union of Football Association* UEFA para punir os abusos observados. Na França, em 15 de março de 2006, o Ministro do Interior Nicolas Sarkozy apresentou aos parlamentares da UMP um projeto de lei com o objetivo de dissolver grupos de

apoiadores violentos ou exibir ideias racistas e xenófobas nos estádios; esta lei foi para reforçar a que foi aprovada em 23 de janeiro de 2006 com relação à proibição de estádios (HELAL, 2011).

O jornal La Croix, um dia após o apelo do Papa Bento XVI à luta contra o racismo por ocasião da partida Itália-Alemanha, dedicou sua cobertura a essa tendência perturbadora a ponto de um papa passar a se interessar por assuntos esportivos (IBARRA, 2005).

Essas posições tidas como morais, legítimas e normais que podem ser por parte dos políticos em países democráticos são, no entanto, surpreendentes. Em primeiro lugar, porque as manifestações e comentários racistas e xenófobos dos espectadores não são novos nem mais numerosos do que no passado. Medidas legislativas adotadas na maioria dos países europeus nos últimos anos, mostram claramente que o racismo, a xenofobia e as ideologias políticas já têm uma longa história no campo do futebol em toda a Europa e no mundo (HELAL, 2011).

Na América do Sul, notadamente no futebol, ocorre o mesmo, principalmente no início do século XIX como muitas manifestações racistas contra jogadores negros. Assim, a Unesco afirmou no ano 2000 que a recente condenação pela FIFA de atos e manifestações de racismo não deveria fazer esquecer a falta de reação observada após as críticas ao comportamento de certas personalidades do futebol, como Mehmet Ali. Yilmaz. Este último, presidente do clube turco de Trabzonspor, realmente tratou o atacante negro inglês Kevin Campbell de "canibal" e "descolorido" (HELAL, 2011).

O caso não está isolado já que Ron Atkinson, consultor do canal britânico ITV e treinador do Aston Villa, acreditando-se fora do ar tratou durante uma transmissão televisiva de Marcel Desailly de preguiçoso negro de merda, e as infelizes saídas do comentarista esportivo Thierry Roland expressando, entre outras coisas, em 1986, seu pesar durante a Copa do Mundo de ver o encontro Inglaterra-Argentina supervisionado por Benaceur nestes termos: "Você não acha isso? há algo além de um árbitro tunisino para arbitrar uma partida desta importância, ou ainda a saudação fascista reiterada por Di Canio, capitão da Lazio em Roma, diante dos torcedores romanos que o aplaudiram em 11 de dezembro de 2005? (IBARRA, 2005).

Recentemente no Brasil, em um jogo do campeonato paulista de 2020 entre Santos e Ponte Preta, o jogador Marinho do Santos foi expulso de campo. Inconformado com a expulsão do atacante santista um radialista da Rádio Energia 97 da cidade de Santos disse que o jogador do Santos deveria voltar para a senzala (JORNAL A TRIBUNA DE SANTOS, 2020) .

O racismo, portanto, não é problema apenas dos apoiadores, mesmo que os abusos mais graves sejam deles. Embora os primeiros grandes protestos xenófobos

relacionados com o futebol datem do final dos anos 1970, foi só em março de 2003 que a UEFA e a Futebol Contra o Racismo na Europa (FARE), reunidos em Londres, adotaram um estatuto propondo dez medidas concretas de combate ao racismo no futebol (CAVALCANTI E CAPRARO, 2009).

Tarde, portanto, essas denúncias oficiais, veiculadas em bloco pela mídia, podem surpreender por diversos motivos. Em primeiro lugar, porque não permitem distinguir o que caberia numa ideologia comum, uma visão de mundo, do que poderia ser apenas uma simples provocação inerente à lógica do jogo (HELAL, 2011).

A gênese de processos dinâmicos, como construções identitárias por aculturação antagônica, desempenha claramente um papel não desprezível que deve ser entendido sob pena de mascarar a realidade mais séria das raízes ideológicas comprovadas de outras manifestações. Se não se sobrecarregar de sentido, os comentários ultrajantes da torcida que, muitas vezes, só visam a desqualificação do adversário. Vista de fora, permanece tênue a fronteira entre a ancoragem ideológica e o jogo no jogo. Fica certo que essa lógica de identidade agonial coloca um problema pelo menos em três níveis: quando, para melhor tomar forma, instrumentaliza o história dolorosa ou atualidade dos conflitos; porque confunde os rastros ao tomar emprestados erroneamente seus modelos dos antagonismos políticos contemporâneos; ou investindo em uma competição lúdica doentia, a violência do barbarismo nazista (IBARRA, 2005).

Desta forma, este artigo teve por objetivo geral analisar as medidas no campo penal e no campo desportivo que inferem combates ao racismo no futebol brasileiro com base nas medidas internacionais, além de especificamente caracterizar o racismo no futebol a partir da história desse esporte; descrever o processo de racismo no ao longo dos tempos; e, comparar as medidas internacionais no campo penal e desportivo com as medidas do Brasil de combate ao racismo no futebol brasileiro discutindo o arcabouço penal e jurídico com relação ao racismo no futebol brasileiro.

Neste projeto de pesquisa, a teoria crítica da raça será é apresentada como uma importante teoria da ferramenta para antirracistas no futebol brasileiro. A teoria da raça emergiu de desenvolvimentos radicais em estudos jurídicos críticos e educação, mas agora contribui na forma de perspectivas para outras áreas como história, estudos sobre deficiências, raça crítica, feminismo, estudos de brancura e estudos de esporte e lazer (CAVALCANTI E CAPRARO, 2009).

A teoria da raça apresenta aos antirracistas uma estrutura para desafiar ortodoxias, pensamento racial restrito e abordagens pouco teorizadas no esporte, principalmente no futebol e, assim, permitir que sua práxis seja fortalecida naquilo que os teóricos críticos da raça como um mundo fundamentalmente racista (IBARRA, 2005).

## 2 O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO

Um dos jornalistas esportivos, mas famosos do Brasil, Mário Filho, que empresta o seu nome ao Estádio do Maracanã no Rio de Janeiro, escreveu ainda de década de 1940, um livro sobre o negro no futebol brasileiro. Fala ele do início, das situações vexatórias a quem os negros eram submetidas; de como eram tratados nos clubes e, principalmente de como eles mudaram o futebol brasileiro (ABRAHÃO e SOARES, 2009).

O futebol chegou ao Brasil com Charles Miller, em 1894. Miller era filho de um escocês e se transferiu para a Inglaterra, 10 antes para estudar. Lá conheceu o futebol e quando voltou ao Brasil, trouxe uma bola e um par de chuteiras e introduziu o futebol no país. Inicialmente praticado pelas elites, rapidamente ganhou as camadas populares e aos negros, que a pouco tempo tinha ganhado a liberdade pela Lei Áurea (VIÑAS, 2013).

Existe uma polêmica enorme de qual time brasileiro aceitou os negros em seu elenco. Uns dizem que o Bangu e outros o Vasco da Gama. Tem uma lenda que diz o Fluminense do Rio de Janeiro mandava um negro usar pó de arroz para se transformar em Branco. A verdade é que os negros, por jogarem muito bem foram se incorporando ao futebol quanto mais o esporte se populariza (ABRAHÃO e SOARES, 2007).

A cidade de Manaus é pródiga nesta questão, já que em 1919, o clube foi fundado (Figura 1) somente por negros. O Euterpe Football Clube era composto exclusivamente por negros, segundo Zamith (1984).

Figura 1 – Euterpe Football Clube



Fonte: GE.Globo/Amazonas

Mas na década de 1910, o melhor jogador brasileiro era Arthur Friedenreich, a primeira estrela do futebol brasileiro, um mulato que foi o grande ídolo do Brasil no



período do futebol Amador. Apelidado de “El Tigre”, Friedenreich era um jogador de futebol notável (BALTAR,. 2014).

Na década de 1920 surgiu no Vasco da Gama do Rio de Janeiro outro jogador notável – Fausto -, apelidado na Copa de Mundo de 1930 de “A Maravilha Negra”. Na década de 1930, dois jogadores negros do Flamengo do Rio de Janeiro se transformaram rapidamente em dois ídolos nacionais – Domingos da Guia e Leônidas da Silva. Ambos se consagraram no futebol em 1938 na Copa do Mundo da França, quando o Brasil se apresentou ao mundo do futebol. Leônidas foi logo vendido para um dos maiores times do mundo na época – o Peñarol de Montevideo o Uruguai e Domingos da Guia foram para o não menos famoso Boca Juniors de Buenos Aires na Argentina (TOLEDO, 2010).

Na década de 1950 surgiram no futebol brasileiros jogadores negros e mestiços que se consagrariam definitivamente, entre eles Didi, Mané Garrincha (esse, um mestiço) e Edson Arantes do Nascimento – O Pelé, consagrado como Rei do Futebol e o Atleta do século XX. Didi foi o melhor jogador da Copa do Mundo de 1958, na qual o Brasil ganhou o seu primeiro título mundial. Pelé é reconhecido até dos dias de hoje como o melhor jogador de futebol do mundo de todos os tempos (CAVALCANTI e CAPRARO, 2009).

Assim, o negro se inseriu muito rapidamente no futebol brasileiro de acordo com a popularização do futebol brasileiro. Mas essa rápida incorporação do negro ao futebol brasileiro não quer dizer que foi fácil (DAMATTA, 2012).

Ressalta-se que o negro foi submetido à escravidão durante muito tempo, sendo o Brasil o último país a libertar os seus escravos em 1888. Mas em vez de contratá-los como empregados, os donos de fazendas resolveram importar mão de obra branca da Europa. Os negros foram jogados na sociedade, sem emprego, sem casa e sem nenhuma perspectiva. Essa ação era a política do Estado brasileiro que foi incorporada ao futebol (DAMO, 2012).

Com Arthur Friedenreich a população brasileira se ateu ao fato de o futebol era um esporte de todos e não de uma elite branca. O futebol não tinha etnia, não tinha cor, não tinha classe social. Mas isso não representava que a elite aceitasse facilmente tão situação, tanto quem 1916 em um amistoso entre a seleção carioca e a seleção paulista, os cariocas não puderam usar os seus jogadores brancos, pela partida ser disputada no dia de Natal. Os paulistas venceram por 9 x 1, levando os cariocas a dizerem que aquela seleção não representava o futebol do Rio (FERNANDES, 2012).

Assim, com uma população constituída em sua maioria de negros, o Brasil sempre o tratou de forma pejorativa, sendo o futebol apenas um retrato das relações sociais. Apesar de ídolos do futebol, sempre foram tratados como subalterno, mesmo

no futebol. O Goleiro Barbosa, o melhor goleiro do futebol brasileiro na década de 1940 foi fruto de muito preconceito ao falhar no segundo gol do Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950. Barbosa era negro e por conta desta falha se criou uma lenda no futebol brasileiro de que goleiro negro não presta (GORDON JÚNIOR, 1996).

### **3 OS ESTEREÓTIPOS NO FUTEBOL**

O caso do Ajax Amsterdam é talvez o melhor exemplo dessas explosões oratórias e de identidade. Os torcedores da seleção holandesa de fato exibem prontamente, por simples provocação, uma falsa identidade judaica. Para as estrelas de David acenadas desafiadoramente e os gritos de 'Joden! Joden! Joden!' Pressionado pelos apoiadores do Ajax, cuja falta praticamente total de raízes estabelecidas no judaísmo não deixa espaço para questionamento (GUIMARÃES, 2014).

A evocação desse caso extremo de instrumentalização simbólica permite operar uma distinção heurística fundamental na gênese de comportamentos cuja lógica é mais competitiva do que realmente fundada em termos de xenofobia, racismo, antissemitismo o que, a violência destas máscaras corre o risco de, em longo prazo, obscurecer o verdadeiro problema que subsiste, nomeadamente o ódio racial e os seus múltiplos eventos desportivos nos estádios (HATJE, 2016).

Nos jogos dos torneios sul-americanos é comum argentinos, uruguaios, chilenos se referirem a jogadores negros do Brasil, como "macaquitos", atitude que às vezes se repete no campo de jogo por jogadores de clubes desse país. P Jornal Argentino Olé, um diário esportivo muito famoso que usa muito o humor quando jogam equipes argentinas contra equipes brasileiras e em jogos das seleções do Brasil e da Argentina se referiu uma vez uma manchete aos "MACAQUITOS". Atitude reprovada até pelos próprios argentinos que obrigou o jornal a pedir desculpas ao povo brasileiro (CAVALCANTI e CAPRARO, 2009).

O jornalista editor do jornal lamentou muito a pseudo brincadeira e disse que exagerou. Que não era racista, mas que foi tomado pela força da brincadeira, chorou diante das câmeras; disse que visitava o Brasil constantemente e que não nutria nenhum tipo de preconceito. Mas na verdade acabou por fazer, mesmo sem a intenção de ferir, acabou por ferir. Ainda que se fique surpreso ao ver essas declarações virem, enfim, a reforçar as representações existentes a respeito de atitudes de preconceito que reforçam o hooliganismo (HELAL, 2011).

No imaginário coletivo o hooligan é inglês, jovem, pobre ou mal integrado socialmente, delinquente no cotidiano, estrangeiro ao mundo do futebol, embebido em álcool, afirma ser de ideologia de extrema direita ou de a grupos neonazistas (MAGUIRE, 2017).

Um retrato arquetípico que tende a naturalizar e sociologizar a violência das multidões desportivas consideradas a partir de então como parte integrante dos hábitos de certos indivíduos e que fazem dos hooligans as favelas. Para usar a famosa figura dos personagens criados. O populismo se expressa em estádios de futebol, entendido no sentido pujadista do termo, que visa discriminar os indivíduos de acordo com suas origens étnicas e culturais e favorecer a preferência local (no caso dos clubes), nacional (no caso dos clubes) equipes com o mesmo nome, a fim de reconquistarem lugar e classificação numa sociedade que os exclui (SALAS, 2012).

Se é de fato uma ilusão que encontra corpo e sentido em sua cobertura da mídia, não deixa de ser um desafio para as sociedades democráticas ocidentais contemporâneas, cuja desintegração do vínculo social acompanha as crises socioeconômicas dos anos vinte. A televisão e os jornais, que muitas vezes tratam da violência na emergência midiática, reforçam essa percepção simplificada e simplista do problema (SCHWARCZ, 2011).

Por fim, as declarações da UEFA, da FARE em torno desta carta são surpreendentes porque, ao adotar esta postura restritiva que consiste em assimilar ideologia, racismo e xenofobia numa única categoria de análise, os vários jogadores do mundo desportivo ignoram ou fingem ignorar que os estádios podem ser testemunhas de outras correntes e que é a ideologia libertária que na maioria dos casos deu origem aos grupos de torcedores nos anos 1970 e 1980, o que não se vê na entidade Sumamericana (SOARES, 1998).

Agora, diante desse problema, quem se pergunta se essas ideologias têm realmente um sentido ou uma finalidade clara e distinta entre os protagonistas? Se forem fruto de vontade política dos apoiadores ou se são por controle remoto? E se essas exuberâncias resultassem de simples lógicas de oposição *hinc et nunc* ou se estivessem ancoradas em um racismo confirmado por outros compromissos políticos ou associativos? Trata-se simplesmente de delinear os contornos de uma análise de fenômenos que, para terem a mesma expressão (manifestações racistas e xenófobas), não têm, porém, as mesmas bases e finalidades. Compreender é não aceitar nada (STERKENBURG et al., 2005).

### **3 RACISMO NO ESPAÇO INTERNO DO FUTEBOL**

O esporte é freqüentemente apresentado por ideólogos do esporte como sendo apolítico. Isso é uma ilusão e pode-se demonstrar que existe uma função política no esporte (MURAD, 2014).

O século XX está repleto de exemplos em que esporte e política estiveram ligados. Pode-se, como exemplo, citar os Jogos Olímpicos de Berlim (1936) que visavam demonstrar a superioridade da raça ariana. Os atletas também podem ir ao



campo para reivindicar direitos: lembre-se do punho erguido e com a luva de preto (símbolo do poder negro) dos americanos Tonnie Smith e John Carlos no pódio dos 200 metros nos Jogos Olímpicos do México em 1968 na ordem condenar publicamente a condição dos afro-americanos nos Estados Unidos (SOARES, 1999).

Esses exemplos históricos da relação entre esporte e política mostram que a esfera esportiva não está separada da vida social. Postula-se, mais precisamente, que esporte e sociedade estão intimamente relacionados, em particular, em termos de desigualdades sociais. Sobre este tema da correspondência de desigualdades sociais entre futebol e sociedade, existem três teses (MAZZONI, 2000).

A primeira é a tese de reflexão. Segundo essa teoria, o futebol é um espelho da sociedade. É importante distinguir entre uma abordagem que é positiva e negativa. A abordagem positiva (visão dos funcionalistas estruturais) define o futebol como o microcosmo de um sistema social ampliado, refletindo a ideia positiva de que a ordem social é baseada no consenso, em valores comuns e em subsistemas inter-relacionados. A abordagem negativa é olhar para o futebol como uma esfera que reflete os aspectos mais negativos da sociedade, como as desigualdades sociais ou o racismo (SANTOS, 2011).

A segunda tese é a da reprodução. Ela argumenta que o futebol não é apenas um reflexo passivo de uma sociedade, mas sim uma força que contribui ativamente para a reprodução dessa sociedade de geração em geração. Aqui, novamente, há uma abordagem positiva e negativa. A abordagem positiva designa o futebol como uma esfera que desempenha um papel ativo no processo de socialização: o futebol contribui para a satisfação de necessidades sociais como a integração, o controle de tensões, necessidades todas voltadas para a manutenção de um *status quo* na ordem social (SOARES, 2008).

A visão negativa é interpretada como um processo ativo que perpetua um *status quo* desigual por meio do qual os dominantes mantêm seu poder sobre os dominados (CORRÊA, 2015).

A terceira tese é a da resistência. Apresentando a ideia de um agente ativo, permite uma relação dialética com os aspectos estruturais da tese da reprodução. Nesta tese, o futebol aparece como um campo de contestação e os indivíduos como agentes ativos e reflexivos: eles podem muito conscientemente apreciar a contribuição significativa e benéfica do futebol para a vida, enquanto percebem que os grupos dominantes tentam usar o futebol como instrumento de controle; têm capacidade para modificar as condições de prática desportiva e também para reconhecer e modificar as condições que visam à perpetuação da sua condição de subordinados; finalmente, suas tentativas de resistência às vezes têm o efeito oposto e servem para fortalecer as condições responsáveis por sua subordinação (GORDON JUNIOR, 2016).

A história dos negros no Brasil pode ser compreendida em três períodos. A primeira era é a escravidão. A segunda é caracterizada por um curto período de liberdade seguido de segregação. A terceira época corresponde à situação contemporânea que pode ser chamada de integração discriminatória. A história dos negros no Brasil é, portanto, uma história de racismo que existiu em diferentes formas (LEITE LOPES, 2014).

Durante o período da escravidão (1535-1888), as relações esportivas entre brancos e negros se limitaram a dois esportes, a saber, luta e corrida de cavalos. O esporte tem uma função dupla. Por um lado, servia como meio de comunicação social para escravos e, por outro, era fonte de entretenimento para os brancos (RODRIGUES FILHO, 1947).

Os proprietários de fazendas encorajaram os negros a se exercitarem para canalizar sua energia socialmente, o que lhes permitiu evitar revoltas em potencial. A prática do luta consistia em lutas entre negros para divertir os brancos (fazendeiros) durante várias festividades. Os negros também foram usados no mundo equestre como jóquei. O esporte era, portanto, um reflexo do sistema social durante o período da escravidão (RODRIGUES FILHO, 1964).

Na verdade, os negros foram excluídos da esfera esportiva como de outras esferas da vida social. Nesse período, pode ser aplicada a tese da reflexão, de um ponto de vista negativo, em termos das desigualdades sociais, entre o mundo do esporte e o mundo social, para a comunidade de negros (LEITE LOPES, 2014).

O segundo período (Lei Áurea (1888) - meados do século XX) é o da fraca emancipação dos negros, seguido por uma segregação muito significativa. A emancipação teve um efeito muito limitado na relação entre brancos e negros no esporte. Prova disso é a conclusão, em 1894 retorna ao Brasil, Charles Miller trazendo uma bola de futebol e um par chuteiras, mas para praticar futebol entre os brancos, já que os negros tinham apenas 6 anos de libertos. Assim, o futebol nascente servir para não mais integrar os negros (RODRIGUES FILHO, 1947).

Esta lei tácita não foi violada até 1900, quando a Associação Atlética Ponte Preta de Campinas foi fundada. Entre seus fundadores existiam negros e brancos. Quando entrou em campo pela primeira vez em 1900, Migué do Carmo fazia parte do elenco da Macaca de Campinas. A regra também foi quebrada em 1905 no Bangu do Rio de Janeiro quando Francisco Carregal vestiu a camisa do Clube do bairro do mesmo nome em um jogo oficial (RODRIGUES FILHO, 1964).

No final do século XIX e início do século 20, o sistema educacional do Brasil foi instituído no *apartheid*, conseqüentemente dos atletas. Escolas de ricos e brancos e escolas de pobres, com a maioria de negros. O mesmo acontecia no futebol. Assim,

Durante os primeiros 25 anos XX, os negros participaram e depois passaram para o futebol, mas de forma bem tímida, mesmo o grande ídolo de o futebol brasileiro ser Arthur Friedenreich, um mulato (RODRIGUES FILHO, 1964).

Portanto, em resumo, os atletas negros foram deixados de fora do futebol até que Jackie Robinson que Migué do Carmo na Ponte Preta em 1900 e Francisco Carregal no Bangu em 1904 participassem de um jogo oficial. Também foi apenas no final da década de 1930 que os negros no principal esporte do Brasil estavam super-representados em relação à sua população dentro do Brasil com Domingos da Guia e Leônidas da Silva, ídolos realmente nacionais (MURAD, 2014).

Tal como aconteceu com a escravidão, durante o período de segregação racial, o futebol continuou sendo o espelho da vida social no Brasil (o reflexo de uma tese do ponto de vista negativo). Na verdade, viu-se que a esfera esportiva foi caracterizada por uma participação subalterna dos negros, mas a partir Arthur Friedenreich, com Fausto – A Maravilha Negra – na década de 1920 e Domingos da Guia e Leônidas da Silva na década de 1930 (SOARES, 1999).

Eles passaram a ser protagonistas. Postula-se, do ponto de vista sistêmico, que em um período de racismo jurídico e institucionalizado (como é o caso da escravidão e da segregação racial no Brasil até a década de 1930), o futebol só pode ser a reflexão estrita da vida social, porque mesmo que possa alimentar ideologicamente a sociedade, não pode constituir uma força ativa que contribui para a reprodução da sociedade (teoria da reprodução) porque o sistema permanece intrinsecamente congelado (MAZZONI, 2000).

Com efeito, o reservatório ideológico que a esfera esportiva poderia constituir para o grupo dominante, durante os períodos de escravidão e segregação racial, era inútil porque a empresa era legalmente racista com a comunidade negra (RODRIGUES FILHO, 1947).

### **3.1 A integração discriminatória**

Em primeiro lugar, é apropriado relatar a situação contemporânea dos negros no Brasil. Legalmente, desde a Constituição da República de 1891 não há nenhuma discriminação fundamental entre brancos e negros no Brasil. Economicamente, porém, a divisão entre negros e brancos só aumentou nos últimos 25 anos. Pode-se ilustrar a pobreza dos negros com alguns números. A taxa de pobreza é quase três vezes maior em famílias negras do que em famílias brancas e a taxa de desemprego é o dobro (SANTOS, 2011).

Politicamente, os negros continuam subrepresentados. Na verdade, menos de 5% dos membros das legislaturas são negros. Em 1998, entre 81 senadores do Brasil,

apenas um era negro. Em termos de violência, existe uma desigualdade vivida pelos negros (SOARES, 2008).

Os últimos têm sete vezes mais probabilidade de serem vítimas de violência assassina do que os brancos. Também permanece uma estigmatização dos negros como violentos e agressivos (veja a mídia), embora estudos tenham mostrado que, controlando os diferentes fatores sociais, não há diferença significativa entre negros e brancos em termos de violência. Esses exemplos mostram claramente que ainda existe uma desigualdade generalizada entre brancos e negros nas várias esferas sociais da sociedade brasileira, apesar do fato de esses dois grupos serem legalmente iguais (CORRÊA, 2015).

É esse processo que se chama de "integração discriminatória" que pode ser definida como: um processo pelo qual os negros participam dos setores econômicos, políticos e culturais da sociedade, ao mesmo tempo em que estão em desvantagem em relação aos brancos (CORRÊA, 2015).

Apesar dos inegáveis avanços digitais, seria utópico pensar que todas as barreiras da desigualdade racial na esfera esportiva brasileira foram derrubadas. Na verdade, quatro áreas principais do futebol brasileiro continuam a discriminar os negros. Estes são os cargos ocupados dentro das equipes, a diferença de desempenho, salários e estruturas autoritárias (GORDON JUNIOR, 2016).

Um dos padrões recorrentes de discriminação nos clubes brasileiros de futebol é o empilhamento que pode ser definido como uma forma segregação comum de posição ocupada dentro de uma equipe enfatizando a concentração de minorias raciais (negros) em posições específicas (LEITE LOPES, 2014).

O empilhamento implica, *ipso facto*, uma relação de centralidade. Ter uma posição central em uma equipe resulta em uma maior probabilidade de engajamento na coordenação de tarefas dependentes e, conseqüentemente, em mais interações sociais com outras posições ocupadas (LEITE LOPES, 2014).

Poucos técnicos de futebol no Brasil são negros. Dirigentes então é uma completa exceção. É, portanto, esse processo de exclusão entre brancos e minorias étnicas (particularmente negros) que resulta em uma guetização no jogo de grupos étnicos minoritários (ocupação de posições periféricas) que é chamado pelos sociólogos do empilhamento esportivo (GORDON JUNIOR, 2016).

O empilhamento, portanto, aparece claramente no futebol profissional brasileiro (lembre-se de que 67% dos jogadores do Brasil são negros, segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol).

#### **4 O RASCIMO NO ESPAÇO EXTERNO DO FUTEBOL**

O racismo, mas também exotismo, pode ser observado no esporte em particular; Jogador e Jogadores africanos e brasileiros e até mesmo negros nascidos na Europa, por exemplo muitas vezes são parcialmente depreciativos, principalmente na Europa, para parte das características positivas à primeira vista. O termo raça é um termo interdisciplinar e desempenha um papel importante na publicidade.

Agora é muito negativo, principalmente no campo científico; Em relação ao termo corrida, deve-se primeiro notar que não existem corridas. Foi demonstrado que as diferenças entre as pessoas da mesma raça são significativamente maiores do que as diferenças médias entre pessoas de diferentes raças.

De acordo com Jäggi (2012), o termo raça é frequentemente usado como a exclusão de o outro de próprio entendido, com cada um sendo rápida e externamente marcado aparentemente identificado de forma confiável.

A história do racismo começa na antiguidade; pelo qual, de acordo com Jäggi (2012) nesta época o racismo na forma em que se conhece hoje, não existia. O que existia era um aversão a outras etnias, mas não na forma de racismo, Ao longo da Idade Média até o amanhecer do Iluminismo, este foi o Ocidente.

A sociedade condenou certas categorias de pessoas: judeus, hereges, doentes mentais, entusiastas, leprosos, pagãos, etc. Dependendo do grupo, as formas e graus de ostracismo variam significativamente, mas eles apontam sobre uma forte hostilidade contra qualquer coisa que não olhe exatamente para ela como quadro da norma, isto é, adicionado ao cristianismo oficial.

O sociólogo Robert Miles apud Jäggi (2012) notou um simbolismo de cor pronunciado em que o branco foi considerado positivo e o preto bastante negativo, mas também significava que isso não teria levado a qualquer desvalorização de certos grupos de pessoas.

A descoberta da América mudou a relação entre os europeus e outros povos e a partir do século XVI, mais e mais relatórios de viagens tornaram-se públicos e espalhou uma visão de mundo eurocêntrica o que acelerou os processos de discriminação.

O racismo foi usado durante este período para suprimir a opressão de certos grupos e para a legitimar grupos de pessoas e para demonstrar a superioridade dos europeus. Aqui são distinguidos duas vertentes principais da propagação do racismo: por um lado, grupos que agiam contra os negros ou não europeus, por outro lado, o antissemitismo ou O antijudaísmo, que se firmou especialmente na Europa. Jäggi

(2012. p. 30) não vê muita diferença entre os dois fios; pelo contrário: em sua opinião, “o antissemitismo e o racismo atual coincidem amplamente em sua dinâmica e sua base social”. Nesta fase, o termo raça foi usado sem qualquer julgamento para ser capaz de nomear grupos; principalmente na segunda metade do século XIX. No século XX, o termo raça tornou-se cada vez mais classificatório e (depreciativo) usado, o mais tardar desde o advento da teoria da evolução de Darwin.

Desta formar, foram três os fatores que levaram a uma mudança no termo raça: Primeiro, a existência de uma tradição no sentido de um inconsciente e uma consciente memória coletiva que está intimamente ligada à história da sociedade e da cultura que está conectada e é repetidamente reativado por certos eventos históricos; em segundo lugar, uma estrutura social de discriminação, e em terceiro, uma crise econômica institucional com agitação simultânea do ideário dessas instituições e sua função constitutiva de formação de identidade.

Após os terríveis acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, quase ninguém ousou professar abertamente o antissemitismo ou racismo, que resultou em uma mudança de manifestação do racismo, mas não o fez desaparecer.

E os estádios de futebol viraram o palco ideal para o retorno desse tipo de atitude; grupos neonazista, misóginos, preconceituosos e racistas encontraram na infiltração dentro das torcidas de futebol, o espaço natural e livre para disseminar suas ideias. Invadiram os estádios e mesmos sendo minorias, dentro das torcidas, acabaram por erem a visibilidade que desejavam.

Desde 1918 que as páginas do jornal socialista Avanti na Itália que Antonio Gramsci abordou a questão da relação entre a classe trabalhadora e o tempo livre, contrastando o futebol com os passatempos mais tradicionais dos trabalhadores de taberna, como o *escopone*.

O jovem intelectual captou os aspectos positivos dos exercícios físicos ao ar livre, opondo-os ao ambiente insalubre e ambíguo das salas enfumaçadas onde os trabalhadores passavam suas horas de folga. Além disso, para Gramsci, esses lugares contribuíram para enfraquecer a afirmação de uma consciência de classe autônoma e constituíram uma forma de perpetuar as relações de dominação existentes.

Ao mesmo tempo Gramsci não estava inclinado a considerar a possibilidade de que aquele jogo de equipe chegasse da Inglaterra chamado o futebol pode se impor às estruturas mentais e culturais dos italianos. Nessas resistências Gramsci captou o reflexo das diferentes condições econômicas e sociais em que o esporte e o tempo livre se articulam nos diferentes países europeus afirmando que as novas práticas desportivas regulamentadas como o futebol se estabeleceram com sucesso nos países



onde a cultura do individualismo e do jogador justo são constitutivas de todo o modo de vida, portanto também do modo de vida das classes populares.

Gramsci escreveu que o futebol é uma representação metafórica da divisão do trabalho e do processo de individualização capitalista, enquanto o conceito de *fair play* constitui a dimensão ideológica.

Mesmo que suas observações não pareçam perceber as profundas transformações nos gostos e preferências das classes populares da época e a disseminação de novos modelos de consumo mesmo em uma nação atrasada como a Itália, Gramsci captura as conexões e ambiguidades culturais, ideológicas e culturais.

Políticas que vinculam os esportes organizados segundo regras precisas e definidas ao modelo capitalista. Nessa perspectiva, para o filósofo da Sardenha, o futebol, aparentemente um lugar e uma oportunidade de recreação, é na verdade uma ferramenta para representar as relações sociais de produção, a hierarquização e especialização das relações humanas, a divisão social do trabalho.

Certamente não se pode culpar Gramsci por não ter apreendido no futebol aquelas dinâmicas menos visíveis que permitem ler as práticas culturais também como um terreno de confronto e conflito no qual se ativam práticas de resistência e oposição à cultura hegemônica. A possibilidade de articular espaços contra ou subculturais, contrapondo-se, contraindo e reproduzindo representações de classe, gênero e raça.

Com base nas observações de Gramsci percebe-se a afirmação de grupos de extrema direita nas torcidas de futebol como uma tentativa de afirmação de uma supremacia racial e como diz Gramsci de uma tentativa de não permitir uma ascensão das classes mais pobres.

No Brasil, se tem inúmeras manifestações de racismo. Na década de 1970, o jogador Paulo Cesar Caju, campeão do mundo de 1970 com a Seleção Brasileira foi alvo de inúmeras manifestações racistas e contra isso se rebelou. No Flamengo, para onde se transferiu em 1972, oriundo do Botafogo, não foi bem recebido por alguns dirigentes que viam nele, um problema de liderança negativa, mas na realidade era sua condição de negro famoso que incomodava os dirigentes. Em 1974, logo após a Copa do Mundo da Alemanha, Paulo César Caju se transferiu para a cidade de Marselha, na França para defender as cores do Olympique ao lado do seu companheiro de Seleção Brasileira, Jairzinho, ambos negros (HATJE, 2016).

Lá sofreram, ambos as agruras do racismo; Embora ídolos de grande parte da torcida, um parte não aceitava o que era denominado de comportamento inadequado de um jogador de futebol, mas na realidade, o que eles não suportavam era a negritude do jogador (HATJE, 2016).

Em 1976, Paulo César Caju, voltou ao futebol brasileiro e foi para o Fluminense e lá sofreu uma das maiores agressões que um ser humano pode sofrer. Foi impedido de entrar na sede do Fluminense pela frente, por ser negro. Ele deixou imediatamente o clube e nunca mais foi o mesmo jogador (HATJE, 2016).

Mais recentemente outros casos de racismo puro surgiram no futebol brasileiro. É notório o caso do jogador Tinga que jogava pelo Internacional de Porto Alegre e em um jogo da Libertadores de 2014, foi vítima de racismo durante uma partida contra o Real Garcilaso-PER (CAVALCANTI e CAPRARO 2009).

A torcida deste time imitava sons de macaco quando ele tocava na bola. O goleiro Aranha foi alvo de racismo em um jogo no Rio Grande do Sul. E assim muitos outros casos tem proliferado. Somente em 2019, 14 denúncias de atos racistas foram registrados nas delegacias de polícia, oriundas do futebol e que são o foco de desafios sustentados durante a última década (CAVALCANTI e CAPRARO 2009).

De fato, o combate ao racismo no futebol sofreu um desenvolvimento importante nos anos 1990. Desde o início da campanha "Vamos chutar o racismo fora do futebol" da Comissão para a Igualdade Racial, no início da temporada de futebol de 1993/94, na Inglaterra, seguida por muitos outros países do mundo, a questão do racismo teve um alto perfil no jogo. Houve várias conferências e seminários sobre o tema, além de inúmeros artigos na imprensa e na televisão e no rádio, que destacaram o problema e tentaram avaliar seus níveis e efeitos (GUIMARÃES, 2014, p. 172).

Mas o problema persiste e as punições na justiça desportiva não tem conseguido muito êxito. Na justiça penal, também não, por que parece que os racistas não tem medo de punição alguma, já que fazem questão de demonstrar seu ódio e sua ideologia odiosa a qualquer custo. Outros quando são pegos demonstram um arrependimento que não se sustenta. É apenas um fachada para se livrar da punição. Punições como perda do mando de campo. Jogos sem torcida e banimento dos estádios não tem muito efeito. Talvez o rebaixamento para a última divisão nacional tenha mais sucesso. No campo penal, punições com penas alternativas e de até 2 anos de reclusão pouco efeito tem sobre pessoas que agem dessa forma. É preciso mais, e os parlamentos tem o poder de modificar este estado de coisas (HATJE, 2016).

#### **4.1 Ações antirracistas no futebol**

Na Áustria, os incidentes racistas atingiram o pico no início dos anos 1970 com canções insultantes como "*Zig Zag Zigeunerpack*" ou "*Husch, husch*" que faziam alusão "Negra no mato", bananas eram jogadas, mas também motins antisemitas (já que as associações judaicas puderam participar novamente) foram documentados (JÄGGI, 2012).

Agora, a FIFA e a UEFA e a maioria deles têm muitas pesadas por esses incidentes. Os clubes tomaram muitas precauções de segurança e foram obrigados a utilizarem de câmeras de vigilância, cercas e uma infinidade de proibições que mais lembram palcos de uma prisão do que um local de socialização e comunicação (FERNANDES, 2005).

Esses comportamentos de racismo e xenofobia, ocorrem às vezes devido ao ambiente das pessoas, que fornece a evidência de que os estádios de futebol, reforçar o comportamento humano negativo. Entender se o racismo está diminuindo ou aumentando no futebol é relativamente muito difícil, pois se pode considerar todas as diferentes dimensões que o racismo deve ter (PENA e BIRCHAL, 2005-2006).

Então não se pode apenas ver o racismo óbvio nas arquibancadas, mas também deve olhar para o nível institucional, ou seja, o nível oficial, treinador, árbitro, comissário e policial. A FIFA, passou a incluir o combate contra o racismo como uma de suas prioridades, criticando o comportamento, por exemplo, pelo uso marginal de negros (TELLES, 2013).

Existem agora um grande número de medidas e organizações antirracistas que lidam com o racismo no futebol. Muita coisa aconteceu, especialmente desde o Ano Europeu contra o Racismo em 1997; todos os países foram chamados a apresentar propostas de projetos. Além disso, o Parlamento Europeu decidiu que todas as associações que são contra o racismo atuem ativamente para defender e apoiar o combate a violência associada e valorizar as conquistas de uma equipe, um atleta e um fã-clubes todos os anos reconhecendo um prêmio especial por comportamento justo (JÄGGI, 2012).

Também a UEFA se comprometeu a garantir que, após o Ano Europeu de 1997, a luta contra o racismo, seria contemplada com "um Dia Europeu contra o Racismo e para o jogo limpo no esporte" (FERNANDES, 2005).

A UEFA também firmou convênio com Federação Africana de Futebol, e foi realizado em 1998 uma partida de futebol entre Europa e África. Também houve inúmeras mudanças nos estádios para torcedores e jogadores para garantir mais segurança. Vigilância mais próxima, penalidades mais severas e a criação de muitas barreiras jurídicas como prisões e proibições de comparecimento aos estádios (PENA e BIRCHAL, 2005-2006).

As barreiras são apenas parte dele; mas houve ações antirracistas direcionadas. Uma razão para isso é que muitos clubes não cooperam com o problema e até negam. Assim a organização *Fair Play* tenta preencher essa lacuna. Infelizmente no âmbito do futebol sul-americano e brasileiro as ações das entidades são pífias. (TELLES, 2013).

No Brasil parece que o problema não existe e como disse Mário Filho em 1947 “o negro veio para o” Brasil; foi escravizado depois foi abandonado pelo Estado; ai veio o futebol, e ele foi afastado; mas persistiu, por que ele é persistente; lutou pela liberdade; lutou pela sobrevivência; lutou par participar e se tornou Rei como o nome de Pelé (MÁRIO FILHO, Jornal dos Sports, 1959) (RODRIGUES, 1994).

## **CONCLUSÃO**

Viu-se que esporte e sociedade não são duas entidades separadas, impermeáveis uma à outra, mas, pelo contrário, permanecem intimamente relacionadas.

A finalidade deste artigo foi simplesmente ir além do discurso comum sobre a neutralidade do esporte e mostrar que para além de certas manifestações políticas mais ou menos explícitas no cenário esportivo (gritos racistas dos torcedores, mensagens impressas sob as camisas (jogadores, posições políticas na mídia etc.), esporte e sociedade estão intrinsecamente ligados. Para concluir, no Brasil, o sonho de ascensão social veiculado pelos atletas negros também produz um reforço das desigualdades sociais entre a população de negros e brancos. Um dos atributos associados à sociedade brasileira é do ascensão social não como o “sonho americano”, mas com a possibilidade de ascender socialmente.

Este sonho refere-se a três dimensões: liberdade, igualdade e busca da felicidade. A liberdade tem dois aspectos. O primeiro é o da liberdade institucional, ou seja, a defesa do indivíduo contra o Estado. O segundo aspecto é a liberdade do indivíduo, que corresponde à filosofia do individualismo. A segunda dimensão é a da igualdade. Não se trata de igualitarismo, mas de igualdade de oportunidades. A terceira dimensão é a da busca da felicidade, da autorrealização (a busca da felicidade).

Atualmente, parece que essa definição se reduz ao conceito de promoção social, que é, em todo caso, a interpretação geralmente transmitida à população. A mudança de baixo para cima nos estatutos, ou na posição social geral, que é supostamente aberta aos brasileiros que dão atenção suficiente ao exercício de virtudes puritanas como o trabalho árduo, honestidade e parcimônia.

O futebol profissional brasileiro e seus milionários são um dos vetores desse sonho. Se tomarmos o exemplo de jogadores da seleção brasileira atual, muitos jogadores, além de serem negros vieram da periferia das cidades grandes ou pequenas e estão entre os jogadores de futebol mais reconhecidos e mais bem pagos da atualidade.

Esses ícones do esporte são constantemente renovados, o que impede uma rotinização do carisma: isso é a prova de que o sistema funciona. 5 dos dez jogadores

mais bem pagos do mundo são brasileiros e 3 são negros. Além disso, há uma super-representação de jogadores negros brasileiros no futebol mundial (Didi, Pelé, Jairzinho Paulo César Caju, Djalma Santos, Romário, Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo, Neymar, Robinho, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Fausto). Outros são mestiços (Nilton Santos, Garrincha, Ronaldo Fenômeno, etc.).

Tudo isso contribui para a perpetuação de ascensão social dos meninos brasileiros. Portanto, se ver o mecanismo do sonho e suas consequências para a população negra, cujos números chegam a 67,00% dos jogadores em atividade no Brasil.

No entanto, o futebol é uma esfera em que a experiência não pode ser convertida em conhecimento e, mais ainda, a inserção na esfera esportiva resulta na exclusão quase sistemática das esferas do conhecimento institucionalizado. As minorias étnicas têm potencialmente acesso ao capital econômico, mas não a tem acesso ao capital cultural. Sabe-se que o futebol, tem uma presença na mídia muito significativa e provoca mudanças sociais na área do racismo. Mas como essa mudanças como o *Fair Play* usa o futebol para fins sociopolíticos e, em particular, para o trabalho antirracismo?

Desta forma a ONU, tem usado a instrumentalização do futebol em acordos internacionais, chamados de Metas do Milênio, justamente por o futebol é adequado como um instrumento para todos os aspectos da política social e do combate ao racismo. Na área do UEFA os resultados tem sido promissores para afastar esse tipo de pensamento do contexto do futebol, externamente, por que no âmbito interno, ainda está longe de alcançar a igualdade. Mas no futebol brasileiro, tanto no âmbito externo como no âmbito interno as ações são pífias.

## **REFERÊNCIAS**

ABRAHÃO, B. O. de L.; SOARES, A. J. **O elogio ao negro no espaço do futebol:**

ABRAHÃO, B. O. de L.; SOARES, A. J. **Uma análise sobre o caso Grafite x Desábato à luz do 'racismo à brasileira'**. Esporte e Sociedade. Rio de Janeiro, n. 5, p. 1-17, 2007.

BALTAR, M. **Pelé faz crítica a Aranha:** Quanto mais se falar, mais vai ter racismo. Globo Esporte. 10 set. 2014. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/09/pele-sobre-participacao-brasileira-na-copa-do-mundo-um-desastre.html>>. Acesso em: 27 de mai de 2020.

CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. **Racismo no Futebol Sul-Americano**: o caso Grafite versus Desábato/Racism in South American Soccer: Grafite Versus Desábato Case. Motriz. Rio Claro: v. 15, n. 04, p. 741-748, out./dez. 2009.

CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. Racismo no Futebol Sul-Americano: o caso Grafite versus Desábato/Racism in South American Soccer: Grafite Versus Desábato Case. Motriz. Rio Claro: v. 15, n. 04, p. 741-748, out./dez. 2009.

CORRÊA, L. H. **Racismo no futebol brasileiro**. In: DIEGUES, G.K., org. Esporte e poder. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

DAMATTA, R. **Esporte na sociedade**: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. 4 ed. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2012.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2012.

entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. Campinas: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 30 (2): 9-23, jan 2009.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. 5 ed. São Paulo: Dominus-USP, 2005.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. 3 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2012.

GORDON JÚNIOR, C. **Eu já fui preto e sei o que é isso**: história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. In: Pesquisa de campo. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1996.

GORDON JUNIOR, C. C. **Eu já fui preto e sei o que é isso**: história social dos negros no futebol brasileiro- segundo tempo. Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, n.3/4, p.65-78,2016.

GUIMARÃES, A. S. A. **Preconceito de cor e racismo no futebol do Brasil**. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 47, 2014.

HATJE, M. **Grande Imprensa**: Valores e/ou características veiculadas por jornais brasileiros para descrever a participação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1958: Tese (Doutorado em Educação Física). Santa Maria: PPG/Ciênciado Movimento Humano, Centro de Educação Física e Desporto, UFSM, 2016.



HELAL, R. **A construção da derrota do racismo no futebol**. In: HELAL, R. SOARES, A. J., LOVISOLO, H. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

HELAL, R. **O racismo no futebol brasileiro**: imprensa e invenção das tradições. Fortaleza: Revista de Ciências Sociais. 42 (1): 77-88, jan/ jun 2011.

IBARRA, E. **Os crimes de ódio**. Pele e violência neonazista no Brasil. São Paulo: HLTC, 2013.

JÄGGI, C. J. **Racismo**: Um problema global. São Paulo: Pioneira, 2012.

JORNAL A TRIBUNA DE SANTOS. Santos: Diários Associados (DA), 2020 – Caderno de Esporte. Diário.

LEITE LOPES, J. S. **A vitória do futebol que incorporou a Pelada**. Revista da USP, n. 22, p.64-83, 2014.

MAGUIRE, J. **Pesquisa sobre Migração no Trabalho Esportivo Revisitada**. Journal of Sport & Social Issues, 28 (4): 477-482, 2017.

MAZZONI, T. **História do futebol Brasil**. 5 ed. São Paulo: Edições Leia, 2000.

MURAD, M. **Corpo, magia e alienação - o negro no futebol brasileiro**: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social. Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, n.0, p.71-8, 2014.

PENA, S. D. J.; BIRCHAL, T. de S. **A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas**: pode a ciência instruir o etos social. Revista USP, São Paulo, n. 68, p. 10-21, dez./fev. 2005-2006.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. São Paulo, Civilização Brasileira, 1964.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro** (Prefácio de Gilberto Freyre). Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1947.

RODRIGUES, N. **A pátria em chuteiras**: novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SALAS, A. **Diário de uma pele**: Uma toupeira no movimento neonazista no Brasil. São Paulo: Moderna, 2012.

SANTOS, J. R. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

SCHWARCZ, L. M. **Retrato em branco e preto**: um história do futebol.. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SOARES, A. J. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado) - Universidade Gama Filho.\_\_\_\_. História e a invenção de tradições no campo do futebol. Estudos Históricos, v.13, n. 23, 2008.

SOARES, A. J. G. **Futebol, Raça e Nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial.(Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 1998.

SOARES, A. J. **O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20**: uma história de identidade. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo,13(1): 119-29, jan./jun. 1999.

STERKENBURG, J. V. JANSSENS, J.; RIJNEN, B. **Futebol e Racismo**: Um inventário dos problemas e soluções em oito países da Europa Ocidental em o quadro da campanha. Stand Up Speak Up, Bruxelas: Mulier Instituut, 2005. Tradução Hélio Sérgio da Costa.

TELLES, E. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica.Riode Janeiro: Relume Dumará, 2013.

TOLEDO, L. H. D **país dos inventores do futebol para o país do futebol** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

VIÑAS, C. **O mundo ultra**. Os radicais do futebol. São Paulo: Rodrigues Alves, 2013.

ZAMITH, C. **Báu velho**; Manuus: Valer, 1984.

*Site consultado*

GE.GLOBO